



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FERNANDA LEITE FERREIRA

O DISCURSO DO CAPITALISTA: EXCESSO, EXCEÇÃO E SOLIDÃO

JUAZEIRO DO NORTE

2019

FERNANDA LEITE FERREIRA

O DISCURSO DO CAPITALISTA: EXCESSO, EXCEÇÃO E SOLIDÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Orientador: Raul Max Lucas da Costa

JUAZEIRO DO NORTE
2019

O DISCURSO DO CAPITALISTA: EXCESSO, EXCEÇÃO E SOLIDÃO

Fernanda Leite Ferreira¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

Precariedade e solidão são temáticas que constantemente surgem na clínica e na mídia. A sociedade toma um rumo cada vez mais individualista, apesar do desenvolvimento dos meios de comunicação. Esse funcionamento diz respeito ao estado do laço social num tempo no qual predomina o discurso do capitalista, formulado por Lacan, embora não tão desenvolvido. Os estudos sobre esse discurso giram em torno da fratura no laço social, seria ele um discurso de exceção? Diante disso, este trabalho buscou entender como se estrutura o laço social partindo de Freud até chegar nos estudos de Lacan sobre o tema. Freud deu início ao estudo dos afetos imbricados na relação com o outro e suas consequências para o sujeito. Ele pensou na implicação da Cultura na incidência do mal-estar buscando identificar suas causas, desdobramentos e as tentativas do homem de se defender diante disso. Lacan deu seguimento a esse estudo pensando o inconsciente enquanto simbólico constituído a partir da relação com o Outro. Ele formulou a teoria dos discursos, estes enquanto laço social, a qual é composta por quatro discursos radicais, a saber, o do mestre, da histórica, do analista e do universitário havendo ainda um quinto discurso, o discurso do capitalista. Nesse sentido, concerne a psicanálise possibilitar novas formas de o sujeito lidar com o Real fazendo-o se interrogar sobre a verdade do seu desejo.

Palavras-chaves: Laço social. Discurso do capitalista. Psicanálise. Exceção. Solidão.

ABSTRACT

Precariousness and loneliness are themes that constantly emerge in the clinic and in the media. Society is taking an increasingly individualistic course, despite the development of the media. This operation concerns the state of the social bond at a time when the discourse of the capitalist, formulated by Lacan, although not so developed, predominates. Studies on this discourse revolve around the fracture of

¹ Discente do curso de Psicologia da UNILEÃO. E-mail: fernandalfi@outlook.com

² Docente do curso de Psicologia da UNILEÃO. Doutor em Psicologia pela UNIFOR. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br

the social bond, is it an exception discourse? Given this, this work sought to understand how the social bond is structured from Freud until reaching Lacan's studies on the subject. Freud began the study of affections imbricated in relation to the other and its consequences for the subject. He thought of the implication of culture in the incidence of malaise seeking to identify its causes, consequences and man's attempts to defend itself in the face of it. Lacan continued this study thinking the unconscious as symbolic constituted from the relationship with the Other. He formulated the theory of discourses, these as a social bond, which is composed of four radical discourses, namely that of the master, the hysteric, the analyst and the university, with a fifth discourse, the discourse of the capitalist. In this sense, psychoanalysis is concerned with enabling new ways for the subject to deal with the Real by making him wonder about the truth of his desire.

Keywords: Social bond. Capitalist discourse. Psychoanalysis. Exception. Solitude.

1 INTRODUÇÃO

É uma questão importante para a psicanálise a discussão sobre o laço social. Freud deu início a prática de reflexão acerca da cultura ao discutir sobre as formas de adoecimento do seu tempo, procurando identificar suas causas, desdobramentos e as tentativas do homem de se defender diante disso. Ele chamou atenção para as exigências morais e sexuais principalmente em torno das mulheres e o conseqüente adoecimento delas diante disso. De acordo com Freud a etiologia das neuroses está intrinsecamente ligada a imposição das leis morais (FREUD, 1908/1996).

Diante disso, Freud passou a estudar as relações sociais e o princípio regulador delas. Ele situou a cultura enquanto esse princípio regulador. Ela é, portanto, o elemento imutável, a-histórico sobre o qual são construídas as relações sociais que, essas sim, variam no tempo (FREUD, 1927/1996). A relação com o outro juntamente com as catástrofes naturais e os males do corpo seriam as fontes de sofrimento do homem que desafiam o elemento cultural fundante da civilização (FREUD, 1930/2015).

Lacan, sucessor de Freud, pensa os laços sociais enquanto discursos, os quais são urdidos e estruturados na linguagem. Esta é fator eminentemente humano, por meio dela nos tornamos sujeitos (COELHO, 2006). Somos sujeitos à linguagem, como diz Lacan (1957/1998), somos habitados pela linguagem corroborando com o que Freud havia proferido sobre o eu não ser o senhor de sua própria morada. O sujeito é constituído diante de sua relação com o Outro sendo, a

partir desse fator, proposta a noção de inconsciente lacaniano como dimensão simbólica.

A teoria dos discursos proposta por Lacan foi um posicionamento diante das manifestações estudantis, que logo se expandiram para a classe trabalhadora, de maio de 1968. A tensão na França era contra as diferentes formas de opressão nos âmbitos universitário, familiar, estatal e sexual (MOREIRA, 2013). Era contra o caráter burocrático da universidade, a falsa neutralidade e objetividade, a tecnocratização do saber, a desigualdade social desencadeada pelo avanço do sistema capitalista, o não engajamento dos docentes nas mudanças sociais e a cultura de massa (THIOLLENT, 1998).

Nesse contexto, de conflito político tanto nacional quanto internacional, foi que Lacan deu início a formulação de sua leitura do laço social. A teoria dos discursos emerge como consequência lógica das elaborações expostas no seu seminário 16, *De um Outro ao outro*, onde discute a aproximação entre o objeto do capital, formulado por Marx, e o objeto *a* como mais-de-gozar. Com isso, Lacan (1968-1969/2008), visa indicar o lugar da psicanálise na cultura e também indicar a posição do analista na direção do tratamento, como diz no texto sobre *A Direção do tratamento* (1958/2003).

Ele parte do discurso do mestre e em seguida elabora os discursos da histórica, do analista e do universitário. Além desses, denominados radicais por Souza (2003), propôs ainda um quinto discurso, o do capitalista. Contudo, ele não o desenvolveu completamente deixando lacunas teóricas que muitos autores tentam explicar. Nesse sentido, este trabalho tem como problemática: por que o discurso do capitalista é considerado um discurso de exceção?

Diante dessa indagação, objetivou-se tratar neste artigo sobre o discurso do capitalista como ruptura do laço social. Para tanto, é importante partir de uma concepção freudiana do mal-estar na cultura, passando pela definição de laço social a partir de suas obras, com um intuito de, só depois, chegar a Lacan com a sua formulação dos discursos enquanto laços sociais. Por fim, será abordado o discurso do capitalista seguido das considerações finais.

Assim, o estudo em questão é uma pesquisa em psicanálise, de natureza qualitativa e do tipo bibliográfico, já que essa permite um amplo alcance de informações e possibilita uma reunião de dados dispersos que visam compreender o tema e explanar o objeto de estudo, caracterizando-a também, quanto aos objetivos

mais amplos, como descritiva e exploratória (GIL, 1994). Desse modo, a coleta de dados ocorreu a partir da revisão de artigos presentes nas bases eletrônicas *Scielo*, *Pepsic* e *Google Acadêmico*, bem como a partir de livros físicos e dissertações concernentes ao tema, sendo estas, em meio eletrônico. A epistemologia que orienta esta pesquisa é a psicanalítica mais especificamente a de Freud e Lacan.

Para uma pesquisa em psicanálise o objeto de estudo perpassa o inconsciente, suas formações. Nesse sentido, as questões sintomáticas em si não são o foco de uma análise, mas sim elas enquanto o resultado de um conflito psíquico entre a demanda de satisfação pulsional e os mecanismos de defesa (CECCARELLI, 2012). Ou seja, o que interessa à pesquisa psicanalítica é a dinâmica psíquica subjacente ao fenômeno passível de observação. Os principais descritores utilizados foram: psicanálise, discurso do capitalista, laço social e contemporaneidade.

2 CULTURA E O LAÇO COM O OUTRO

Desde o princípio, Freud propôs que a vida em sociedade estava estritamente ligada a incidência do recalque sobre o representante psíquico da pulsão. Ao mencionar no texto de 1908 o pensamento de seus contemporâneos, como Von Ehrenfels, acerca da moral sexual 'natural' e da moral sexual 'civilizada', ele concorda que a desassociação entre o representante psíquico da pulsão e a pulsão ocasiona danos ao sujeito, os quais eclodem na forma de sintomas que prejudicam sua saúde e sua eficiência, não raro, afetando os objetivos culturais (FREUD, 1908/1996).

Na tentativa de explicar os adoecimentos modernos, Freud explanou as mudanças sociais do seu tempo, as quais são semelhantes às que se vivenciam hoje. Ele notou significativas mudanças no ritmo da civilização que passou a nutrir uma sede por progresso vinculada a competitividade exigindo o máximo de eficiência do indivíduo; o frenesi da vida urbana e a conseqüente agitação política que se fizeram mais fortes furtando o tempo ao lazer e impulsionando a busca por estimulações cada vez mais intensas que levam a exaustão, além da expansão do luxo inclusive para estratos sociais menos abastados juntamente com a exigência pela busca de prazer e a desvinculação religiosa. Esse panorama de transformações

exigiu do indivíduo um grande esforço mental, o qual não viria sem consequências (FREUD, 1908/1996). Nesse texto, Freud se atem a uma crítica da imposição moral como fonte primária do surgimento de doenças.

No entanto, debruçado sobre essa questão ele demonstra em *Totem e tabu* (1912-1913/1996) que tal imposição faz parte do processo civilizatório. Estudando tribos primitivas chega à conclusão que a lei do incesto tem presença unanime. As chamadas hordas são formadas em torno de um Totem, animal ou vegetal, o qual acredita-se ser um ancestral comum da tribo com a função de proteger, auxiliar e vigiar esse povo. Assim, é proibido o ingerir ou destruir, exceto em determinadas datas. Contudo, a punição para tal infração é mais leve do que a do ato do incesto. Partindo dessas elaborações ele propõe o dito mito científico, assim denominado por seus sucessores, no qual o líder tirânico, o pai, goza de todas as mulheres da horda, proibindo-as aos demais homens (FREUD, 1912-1913/1996).

À mercê do julgo do pai, os irmãos decidem por seu assassinato. Segundo Poli (2004), esse seria o primeiro momento de fundação da civilização, o momento mítico. O segundo, seria o momento no qual Freud situa o “banquete totêmico”, ocasião festiva na qual os membros da fratria ingerem a carne do pai, correspondente a uma identificação com o pai, pois, ao comer sua carne, estariam também adquirindo sua força. Nessas circunstancias, eles se reconhecem enquanto irmãos, no entanto, todos se tornam um tirânico em potencial e a fratria se vê no impasse de repetir sua história ou iniciar uma nova ao instituir a lei do parricídio e do incesto como garantia e estabelecendo no lugar do pai, o totem que passa a representar a lei do pai.

Nesse segundo momento, de instauração da Lei, as insígnias paternas são internalizadas na forma de consciência moral e de “ideal do eu”, causando uma divisão na instancia do eu (POLI, 2004). A energia agressiva, promotora do assassinato do pai, agora é recalcada em prol da formação dos laços sociais. O amor que sentiam pelo pai é transformado em energia libidinal que se dirige aos irmãos dando consistência aos laços (KOLTAL, 2010). Assim, o ato criminoso funda a cultura e, a partir de sua consequência, a proibição do incesto e do parricídio, se estabelece o laço social, o qual, portanto, insere uma historicidade na forma como são reguladas as relações entre os sujeitos.

Enquanto o ato perverso seria fundante da cultura, a neurose daria seguimento as relações sociais (POLI, 2004). A neurose seria, assim, uma maneira

de lidar com o outro mediante as leis culturais estabelecidas a fim de evitar o descontrole das pulsões que acarretariam a instalação do caos e destruição da fratria. Nesse ponto, Freud (1912-1913/1996) faz uma conexão entre esse momento inicial da civilização e o complexo de Édipo, momento no qual a criança é introduzida na cultura por meio da triangulação das suas relações, quando a ela é imposto limite na sua relação com o outro materno, e conseqüentemente o controle pulsional, por meio da castração através daquele que exerce a função paterna.

Freud situa a identificação como anterior a civilização³, visto a ligação pré-existente entre os membros da fratria e o líder, ou seja, ela é algo da estrutura da linguagem. Ele também afirma isso sobre o funcionamento das religiões, bem como sobre o complexo de Édipo no que se refere a identificação da criança com o pai. Esse afeto é originário da fase oral de organização da libido quando há a separação da necessidade de nutrição e o seio materno, o qual se torna perdido, pois a satisfação inicial causada pelo primeiro contato com esse objeto jamais será alcançada. A pulsão oral, nesse sentido, aponta pra uma incorporação do objeto desejado ao mesmo tempo que visa a sua destruição confluindo na ambivalência característica da identificação (FREUD, 1920-1923/1996).

Nesse caso, levando-se em conta a mãe enquanto objeto libidinal, a identificação com a mesma se daria por uma via regressiva por meio da incorporação do objeto. Essa incorporação, presente no “banquete totêmico” e nos rituais religiosos, também se faz perceber nos casos de melancolia e luto, nos quais há a interiorização do objeto perdido. Essa introjeção constitui um ponto bastante importante, pois é a partir dela que se dará a divisão do sujeito, o qual passará a ter o “ideal de eu” encarregado das funções de auto-observação e censura sendo, dessa forma, o principal responsável pela instauração do recalque (FREUD, 1920-1923/1996).

Então, nesse momento, o “ideal de eu” não está fora encarnado num líder tirânico que exerce o seu poder por meio da força, mas sim interno ao sujeito que agora responde ao laço social, ou seja, a aquilo que ele faz com o outro com o

³ Vale salientar que o termo escolhido por Freud (1927/1996) foi Kultur – Cultura - fazendo questão de não o separar de Zivilisation – Civilização. Kultur abarca tanto todo conhecimento adquirido pelo homem com o fim de dominar a natureza e dela obter satisfação de suas necessidades quanto as instituições reguladoras das relações humanas.

intuito de prevenir o reestabelecimento da horda primeva. No entanto, Freud (1920-1923/1996), alerta para a constante incidência do elemento cultural original sobre o laço social como se nota no aglutinamento de “ideais de eu” sobre a figura de um representante na formação das massas. Tal fenômeno é visto como retorno do recalçado do momento fundante da cultura (POLI, 2004).

Se, como diz Freud, a neurose é o negativo da perversão e o ato perverso está na origem da própria civilização, Poli (2004) coloca que a neurose e a perversão não caracterizariam um tipo de laço libidinal específico entre o sujeito e o objeto, mas sim definiria em qual ordem essa posição se localizaria no funcionamento do aparelho psíquico, visto que para Freud, na neurose a fantasia perversa é inconsciente e na perversão ela é consciente.

Assim, o que acontece na formação das massas é um apagamento da falta relacionada a fantasia fálica, característica principal da perversão, que aponta para um risco de totalitarismo. Segundo Freud (1905/1996), a massa se identifica com uma característica fetichizada do líder encarnada no “ideal de eu”, o qual, por conseguinte, vai promover uma ligação libidinal entre os membros da massa. O funcionamento é semelhante ao da horda primeva, há um desmentido da morte do “pai” da mesma forma que se é possível perceber no funcionamento da religião e do exército, como diz Freud (1920-1923/1996).

Nesse sentido, a relação do sujeito com o objeto (com o outro enquanto objeto) é mediada pela fantasia (LEANDRO; COUTO; LANNA, 2013). A fantasia para Freud constitui a realidade psíquica que, como diz em *Totem e tabu* (1912), é constituída a partir da realidade externa. Ela visa a uma satisfação substitutiva da atividade pulsional abandonada, ela é motivada pelo desejo sempre mutável. Freud (1915/1996) lê o sintoma como a realização de desejo inconsciente e, portanto, é extremamente importante para compreensão da dinâmica de funcionamento social de uma época.

O sintoma, assim como a sublimação, são formas alternativas de escoamento da energia libidinal, uma vez que “o homem aculturado trocou uma parcela de possibilidades de felicidades por uma parcela de segurança”, Freud (1930/2015, p. 131). A renúncia implicada na escolha pela cultura, no entanto, não significa que o homem escolheu a pulsão de vida em detrimento da pulsão de morte. Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud começa a tecer a ideia, a qual retoma em textos

subsequentes, de que ambos atuam conjuntamente ou em contraposição nos mais variados aspectos da vida.

Portanto, o mal-estar na cultura é consequência inevitável da escolha feita pelo homem. Freud (1930/2015) situa três fontes de sofrimento, a saber, as catástrofes naturais, os males do corpo e a relação com o outro. Desse modo, os laços sociais dizem respeito à forma como o homem lida com a persistente incidência desses fatos, os quais apontam a incapacidade estrutural do sujeito em dar conta da realidade que o circunscreve.

3 A TEORIA DOS DISCURSOS DE LACAN

A abordagem do discurso, tal como proposta por Lacan (1969-1970/1992), implica a concepção de discurso sem palavras. Ou seja, é estrutura de linguagem, a qual ultrapassa as palavras e subsiste sem elas. A linguagem possibilita relações que abarcam algo mais amplo do que o enunciado, o qual é geralmente abordado por outras teorias do discurso. Ademais, outro aspecto marcante da diferença do discurso em Lacan é a sua formulação sobre o mais-de-gozar, feita a partir do conceito de mais-valia de Marx. Assim, é importante compreender a diferença entre enunciado e enunciação, bem como o seu conceito de mais-de-gozar antes de abordar os discursos em si.

Ambos representam o sujeito, contudo, no enunciado há a marca da alienação ao Outro. Ele representa o sujeito a partir do discurso emitido pelo Outro. Já a enunciação marca a divisão do sujeito e é a partir dele que é possível fazer escandir os significados, promovendo a desidentificação e a emersão do desejo (CALAME, 1986; LACAN, 1953-1954/1979). Na linguística enunciação e enunciado são tratados de forma conjugada, sendo o primeiro tido apenas como agente, aquele que profere o enunciado e, portanto, este é que se torna o objeto de estudo (FIGUEIREDO, 2017).

Lacan em o *Aturdito* profere “que se diga fica esquecido por trás do que se diz no que se ouve” (LACAN, 2003, p. 448), ou seja, aquilo que se realmente diz (o dizer), fica escondido atrás do que se emite (o dito). Freud (1925/1996), ao tratar da negação, apontou para o não querer saber sobre a afirmação primordial. Assim, uma

negativa é sinal de uma afirmação recalcada. Está nesse ponto a importância de se tratar enunciação, o dizer, e o enunciado, o dito, dissociadamente.

Ademais, Lacan confere, a partir da citação mencionada, a qual considera modal no que enuncia, a saber, a existência, o estatuto histórico ao discurso. Isso pelo fato de entender que é efeito da história que haja uma interrogação sobre a existência e não sobre o ser. Para isso, ele parte da expressão cartesiana *eu penso, logo sou*, “ou seja, aquilo através do que a existência nasceu, é lá que somos”, Lacan (1978, p. 23). Com isso, o dizer é algo que surge por meio da atualidade histórica.

A concepção feita por Marx da mais-valia, referente ao excedente da produção destinado ao dono do capital, possibilitou Lacan (1968-1969/2008) a elaborar o mais-de-gozar. Pensando na dialética do senhor e do escravo de Hegel, há uma renúncia inicial ao gozo por parte do senhor ao ordenar a ação do escravo, portanto, o resultado dessa operação produz um resto, o qual o autor denominou de objeto *a* ou mais-de-gozar. Nisso, ele equivale seu conceito ao de Marx, visto que algo do gozo é restituído ao senhor.

Nesse sentido, nos discursos, Lacan traz para o centro da discussão sobre o laço social a questão do real, aquilo que o simbólico não abarca e com o qual a civilização tem lidar desde de seus primórdios. Desse modo, sua teoria implica uma historicidade do laço social. Rabinovich (2001), diz que o discurso não se funda no sujeito, mas sim na estrutura de linguagem, na cadeia significante. Isso significa “há uma prevalência e uma anterioridade dos lugares e das suas regras de articulação sobre os destinos dos modos de enlaçamento entre os seres falantes” (COUTO et. al, 2018, p. 95).

Lacan (1969-1970/1992), inspirado pela matemática a fim de dar concretude aos conceitos psicanalíticos, formula os quatro discursos representando-os por meio do matema⁴. Curiosamente, os discursos se ligam as profissões, ditas por Freud, impossíveis (governar, educar e psicanalisar) e as quais Lacan somou uma quarta (fazer desejar). Assim, há o discurso do mestre, ao qual é concernente a

⁴ Lacan se aproximou da escrita matemática por acreditar que a letra, diferente do significante, possibilita uma via de acesso direta ao real. Vale salientar que, no entanto, para a psicanálise uma letra não é igual a outra (x é diferente de x), como é na matemática (SOUZA, 2003).

impossibilidade de governar; o da histérica, cuja impossibilidade está em fazer desejar; o do analista, com o impossível de psicanalisar; e o do universitário, também nomeado de discurso da ciência, com o impossível do ato de educar.

Os quatro discursos, juntos, são considerados um único matema, sendo a permutação uma característica interna da própria estrutura matemática que faz mudar de um discurso para o outro (DIAS, 2010). Para Rabinovich (2001, p. 13), o título do seminário no qual Lacan formula os discursos, *O avesso da psicanálise*, já marca que a relação entre eles é “de trama, de textura, de direito e de avesso, como um pano cujo desenho varia segundo a disposição dos fios significantes”. Segundo essa autora, o horizonte teórico dessa formulação é a banda de moebius, pois nela não há direito nem avesso, apenas uma borda instaurada pela descontinuidade que o corte promove pela ação do significante.

Nessa operação estão envolvidos quatro lugares e quatro elementos. Trata-se do lugar do agente, do Outro, da produção, e da verdade. Já os elementos são o S1 – significante mestre – aquele que se inscreve no corpo, marca-o enquanto pulsional e, portanto, implica uma fixação ao campo do Outro sobre o qual intervém; o S2 – o saber – constituído enquanto cadeia significante; objeto *a* – objeto causa do desejo ou mais-de-gozar – que implica uma perda ou excesso de gozo, marca aquilo de Real no discurso; e o \$ - o sujeito – dividido por sua entrada no Simbólico, na cultura (LACAN, 1969-1970/1992)

3.1 O Discurso do Mestre

A relação estabelecida entre $S1 \rightarrow S2$ funda a cadeia significante e explicita a afirmação de Lacan (1969-1970/1992, p. 19) “o significante representa o sujeito ante outro significante” [$S1/\$ \rightarrow S2$], sendo a barra o que marca o recalcado pela operação de castração. O discurso do mestre é formulado a partir da dialética do senhor e do escravo de Hegel, assim, S1 é a função significante sobre a qual se apoia o senhor para comandar uma ação sobre o escravo cujo campo é o saber, S2.

É importante fazer a distinção entre o saber-fazer, típico do escravo, e o saber transmissível referente a posição que o escravo ocupa de forma a deixar o saber se tornar um saber de senhor. Essa posição implica que o escravo se encontra separado de sua produção pela barra, esta última estando situada na parte inferior. Para falar dessa produção, Lacan se ancora em Marx ao fazer uma relação entre

mais-valia e mais-de-gozar. O objeto *a* representa o excedente do resultado da produção ao qual o escravo não tem acesso e que é destinado ao senhor (LACAN, 1969-1970/1992).

Nesse sentido, instala-se no discurso uma operação de gozo, o que justifica a afirmação de Lacan (1969-1970/1992) sobre os discursos serem aparelhos de gozo. Ao falar do gozo, ele retoma a elaboração de Freud de que a vida resiste ao Nirvana, um estado de completo equilíbrio cuja tendência é retornar ao inanimado. Em outras palavras, resiste a pulsão de morte, como Freud (1920) explicita ao tratar da existência de uma pulsão que está além do princípio de prazer, conhecido como pulsão de vida. Contudo, tais pulsões não se opõem, conforme já foi dito no fim do segundo tópico. Ocorre que a pulsão de morte é uma busca pelo prazer cujo objetivo é sua completa realização, enquanto que, o que se denomina pulsão de vida, obtém apenas satisfações parciais.

Nessa relação, na qual o senhor é detentor dos meios de produção e o escravo da mão de obra para a realização do trabalho, é produzido um resto, objeto *a*, o qual marca a impossibilidade da relação existente entre S1 e S2. Esse resto, apesar de inacessível ao escravo e dirigido ao senhor, também nunca chega a este, o qual não se dá conta disso e põe o discurso continuamente em movimento a fim de conseguir obtê-lo. Tal fato ocorre, pois o recalcado para o senhor é a verdade de que ele, assim como o escravo, tem o seu gozo barrado (LACAN, 1969-1970/1992). Esse movimento é expresso na operação discursiva pelas setas que indicam o sentido. Assim, o discurso é representado da seguinte forma:

$$\begin{array}{ccc} \uparrow \underline{S1} & \rightarrow & \underline{S2} \downarrow \\ \$ & // & a \end{array}$$

Portanto, pode-se dizer que o objeto *a* é quem faz o discurso se movimentar, apesar de o comando ser dado pelo senhor que, por sua vez, não sabe o que quer (tenta de toda forma por meio do escravo alcançar isso que está fadado a não saber). O discurso do mestre tem para Lacan uma importância histórica, visto que, apesar de eles existirem de forma simultânea na cultura (LACAN, 1970/2003), ele é o discurso a partir do qual a civilização tem início. O significante mestre, no caso, marca sua exterioridade da cadeia significante representada por S2. Com isso, S1 é o significante de exceção, aquele que marca o início da cadeia, o qual pode corresponder ao pai da horda primeva.

Todavia, o discurso do mestre adquire um caráter de anterioridade, ou seja, “a inacessibilidade ao gozo é muito mais um efeito da própria existência da estrutura da linguagem no real do que uma consequência produzida pela proibição do acesso ao objeto incestuoso” (COUTO, *et. al*, 2018, p. 96). Desse modo, o discurso do mestre, é por Lacan (1969-1970/1992) considerado o próprio discurso do inconsciente.

3.2 O Discurso da Histórica

Diante da impossibilidade lógica entre a produção do discurso do mestre e sua verdade, o analista faz incidir sobre o sujeito o desejo de saber sobre sua condição. Isso promove no discurso um quarto de giro trazendo o \$ para parte superior da barra. O sujeito se dirige a S1, a quem supõe saber e que está situado no lugar do trabalho. Contudo, nesse lugar está o analista, o qual devolve para o sujeito o questionamento emitido. A isso se dá o nome de histericização do discurso, pois gera, por parte do sujeito, a produção de significantes [S2] em associação livre (LACAN, 1969-1970/1992).

As formações do inconsciente são o resultado dessa operação por meio das quais o analista assiste o funcionamento do aparelho psíquico em torno do significante originário. Em outras palavras, ele acompanha o movimento fantasmático do sujeito em torno do objeto de desejo, o qual desconhece. Nesse contexto, o objeto *a* funciona enquanto causa do desejo e é situado na parte inferior da barra do lado esquerdo, contudo, também funciona como índice de queda que aponta pra o buraco na estrutura discursiva. Lacan (1969-1970/1992), afirma que a histórica fabrica um homem que seria movido pelo desejo de saber, saber o quão preciosa ela é não sendo possível para linguagem apreender sua abertura para o gozo.

$$\begin{array}{ccc} \uparrow \underline{\$} & \rightarrow & \underline{S1} \downarrow \\ & & a \quad // \quad S2 \end{array}$$

É em torno do sintoma, a forma sob a qual é possível ver o sujeito aparecer, que se organiza tudo sobre esse discurso. O sintoma, meio pelo qual a pulsão encontra uma forma de escoamento, é, nesse sentido, transgressivo. Esse pequeno desvio da pulsão provoca o que Lacan chama de efeito de entropia. É “nesse

desperdiçamento que o gozo se apresenta, adquire status”, Lacan (1969-1970/1992, p. 52). Enquanto mecanismo que se repete em busca de uma compensação, adquire o status de mais-de-gozar.

O lugar da verdade ocupado pelo mais-de-gozar possibilita a leitura de que o objeto *a* não só é cauda do desejo, como também constitui o sujeito enquanto dividido, $\$$, guarda a verdade de sua ex-sistência (SOUZA, 2003). Isso possibilitou Lacan interrogar de diferentes formas a condição de impossível do real e a considerar as maneiras de o tratar, como a religião e os fenômenos políticos. Nesse ponto, como forma de tratamento do real, tanto a ciência quanto a arte ganham espaço. Não é à toa que Freud desenvolveu inúmeros trabalhos sobre a arte.

“A estrutura de cada discurso exige uma impotência, definida pela barreira de gozo, para se diferenciar dele como disjunção, sempre a mesma, entre sua produção e sua verdade” (LACAN, 2003, p. 445). Assim, é visível no discurso da histórica é a impotência do saber em dar conta da verdade. Não é possível estabelecer uma relação com a verdade a não ser a relação de castração, que a define como não-toda, conforme esclarece Lacan (2003).

3.3 O Discurso do Analista

Em termos de verdade, é como se espera que o psicanalista faça funcionar o seu saber e é por isso que o psicanalista pratica o semidizer, partindo da lógica de que a verdade é não-toda e que o saber sobre o inconsciente é construído durante a análise. O fazer do analista se trata de orientar o tratamento. Desse modo, opera-se mais um quarto de giro e o objeto *a* passa a ocupar o lugar de agente. O analista nesse lugar é semblante de objeto *a*. Isto por que aí ele está como condensador do gozo do Outro, o qual deixa advir por meio do ato analítico (LACAN, 1969-1970/1992).

Ele também está como causa do desejo que convoca o sujeito a produzir significantes mestres e construir um saber sobre seu inconsciente (SOUZA, 2003). Em razão disso, o S_1 ocupa o lugar da produção e o saber encontra-se abaixo da barra, recalçado. Isso ocorre, pois o analista, que inicialmente, sob transferência, é suposto saber sobre algo, precisa permitir sua destituição enquanto detentor do saber para confrontar o sujeito com o real. O real é a impotência do significante, o que resvala existência da relação sexual (LACAN, 1969-1970/1992). Dessa forma,

na dimensão do ato analítico o objetivo não tange “a totalização do sentido em uma decifração completa do saber recalçado” (COUTO, *et. al.*, 2018, 102).

$$\begin{array}{ccc} \uparrow \underline{a} & \rightarrow & \underline{\$} \downarrow \\ S2 & // & S1 \end{array}$$

A particularidade desse discurso consiste em que, ao estabelecer uma relação com o sujeito, ele é o único a reconhecer a impossibilidade tanto de dominá-lo quanto a de consumação do vínculo fantasmático entre sujeito e objeto a [$a \diamond \$$] (COUTO, *et. al.*, 2018). Essa posição que o sujeito ocupa no lugar do trabalho ou do outro, em análise, o convida a reconhecer e sustentar o seu desejo como *desejo do desejo Outro* destinando para si uma parcela de gozo (SOUZA, 2003). Com isso, é possibilitado ao analisante o desprendimento dos “ideais de eu”, a queda das identificações, as quais estão atreladas às exigências normativas da cultura como ressalta Freud (1920-1923/1996).

Para Lacan (1969-1970/1992), o analista se oferece como ponto de mira pois ele segue as veredas do desejo de saber. Ele colhe os vestígios deixados, o resto que escapa da relação com o Outro, na forma de atos falhos, chistes, lapsos e sonhos e convoca o sujeito a se responsabilizar pelo seu dizer e assumir o seu desejo.

3.4 O Discurso do Universitário

Com mais um quarto de giro, chega-se ao discurso do universitário. Este também pode ser obtido através do discurso do mestre fazendo-se um quarto de giro no sentido anti-horário. É curiosa sua relação com este último discurso mencionado, pois, o saber, que antes era posto a trabalhar pelo mestre, agora ocupa o lugar de dominância no discurso. Situado do lado inferior esquerdo, no lugar da verdade, está o S1. Esta posição implica que há um bloqueio na produção de significantes mestre (LACAN, 1969-1970/1992).

Diferente do discurso da histórica, no qual o saber é produzido pela ação do sujeito, o saber, no discurso do universitário, é quem produz o sujeito. Isso significa que se antes havia um sujeito implicado com o seu desejo de saber, nesse novo momento, o saber não guarda uma relação com o sujeito na medida que ele

desconhece a divisão deste último e ignora a ex-sistência do saber inconsciente (LACAN, 1969-1970/1992).

Com a promessa de saber eterno, é um discurso que promove um conhecimento organizado, burocratizado e garantido por meio de títulos (SOUZA, 2003). Contudo, ocupa o lugar do outro o objeto *a*, aquele que marca a impossibilidade de realização desse ideal, na figura do que Lacan chamou de *a*-estudante, o qual é explorado a partir desse lugar de trabalho. Na injunção entre S2 e *mais-de-gozar*, o sujeito do conhecimento produzido adquire o estatuto de *mais-valia*, pois ele servirá apenas para alimentar a cadeia do saber estando aprisionado, dessa forma, na constante produção de sentidos que visam denegar o real (LACAN, 1969-1970/1992).

$$\begin{array}{ccc} \uparrow \underline{S2} & \rightarrow & \underline{a} \downarrow \\ S1 & // & \$ \end{array}$$

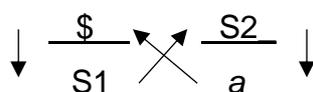
O processo em questão institui um saber burocratizado, alienado de sua condição original ao desconhecer o S1. Portanto, para Lacan (1969-1970/1992), é onde o discurso da ciência se alicerça. O dizer da ciência tira proveito da falta estrutural do sujeito, mesmo que a rejeite, para mascarar a verdade. A verdade consiste que o seu dizer é apenas parcial e o saber é não-todo. Nesse sentido, o saber possui uma relação com o gozo na medida que o sujeito se ancora no campo do Outro instituindo a fantasia do saber totalizante.

4 O DISCURSO DE EXCEÇÃO

Diante do exposto, fica mais fácil conceber a formulação do Discurso do Capitalista. As questões políticas, bem como o percurso da experiência analítica e o desenvolvimento do conceito sobre o objeto *a* possibilitaram para Lacan, no *Avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), situar a posição da psicanálise enquanto um discurso na cultura. O seu lugar é ético e político e busca orientar as pessoas na direção do desejo de saber sobre as condições que as afetam (SOUZA, 2003). Dessa forma, ela não compactua com práticas alienantes como as propostas pelo

neoliberalismo⁵, as quais visam estabelecer as pessoas na fixação da busca pelo ideal de bem-estar.

Esse quinto discurso é obtido por meio de uma comutação entre os termos que ocupam o lugar do agente e da verdade no discurso do mestre. Sua peculiaridade, segundo Souza (2003), é a circularidade completa na qual se organiza – como é possível perceber seguindo o sentido indicado pelos vetores, os quais explicitam a ausência da barreira entre o lugar da produção e da verdade formando um contínuo - e sua inauguração que se dá a partir do lugar do agente.



Lacan afirma na conferência de Milão em 1972 que a crise do discurso do capitalista, substituto do discurso do mestre, está aberta, pois basta a pequena inversão entre \$ e S1 para possibilitar o encarrilhamento do discurso de tal forma que, o seu ritmo demasiadamente veloz, o consome. “Se consome tão bem que se consome”, diz Lacan (1978, p. 18).

Nesta mesma conferência, período no qual trabalha no seminário 19, intitulado *...ou pior*, Lacan fala de S1 como o significante que introduz o Um no mundo, a saber, a exceção. A alteridade marcada pelo significante mestre estabelece que o significante posterior o deve obediência. Entretanto, essa submissão voluntária só ocorre se houver um saber por parte de quem ocupa o lugar do outro ou do trabalho, no caso, o escravo posteriormente substituído pelo proletário.

A “transição” para o discurso do capitalista se deu a partir da universalização do saber do escravo, feito pelas ciências e universidades. O Saber adquiriu valor de troca e de uso passando a circular no mercado com um certo poder adicionado. Assim, ocorre uma transferência do saber do escravo para o mestre tornando o Saber homogeneizado e ordenado num elemento comum de gozo (Souza, 2003).

⁵ É compreendido por Dardot e Laval (2016) como uma racionalidade governamental, que emerge no fim do século XX, e vai além de um simples modelo econômico restrito a relações de consumo e mercadoria para um formato empresarial, no qual predomina o discurso do agenciamento de si.

Isso demarcou e abriu a possibilidade de insurgência do discurso do mestre moderno, pois conforme Lebrun (2004), a ciência desvinculou o saber de sua obrigação com a verdade. O saber capitalizado deixa para trás a sua condição original de impossibilidade e serve de fundamento à ideia neoliberal, ao produzir e comercializar pesquisas, laudos e pareceres, além de métodos e técnicas que visam o ajustamento do sujeito a modos de ser que rejeitam a negatividade e buscam alcançar ideais socialmente impostos.

O sujeito é determinado pelo efeito significativo $S1 \rightarrow S2$, Lacan (1978). Contudo, no discurso em questão, $S1$, o significante de exceção que funda a cadeia, é recalcado. Assim, está situado do lado esquerdo abaixo da barra, no lugar da verdade, a semelhança do discurso do universitário, contudo, havendo a diferença vetorial. O sujeito no lugar de agente implica no apagamento da alteridade.

Isso promove um desvelamento que enfraquece a disjunção entre o lugar da produção e da verdade. A consequência disso é a ausência de semblante nesse discurso, como Soler (2016, p. 11) afirma: “por aí se tem a medida de quanto o Outro do discurso, quanto o simbólico mudou, o quanto lhe faltam semblantes que consigam fazer convergir e orientar”.

“A nova ênfase dada ao saber do explorado me parece estar profundamente motivada pela estrutura” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 157). O saber, no lugar do trabalho e sob o efeito de circularidade do discurso, torna-se, de certa forma, alienado a quem responde. Trata-se da tecnociência, a qual apenas produz ininterruptamente o que ele chamou de *gadgets*. A estes, Lacan atribui o lugar de mais-de-gozar, do qual já foi mencionada sua relação com a mais-valia.

Ao mesmo tempo que há uma denegação de $S1$, também há uma utilização dele para sustentar a promessa de satisfação do sujeito por meio dos *gadgets*, já que não há mais a disjunção entre o lugar da verdade e da produção. Essa peculiaridade, como já mencionado, confere ao discurso do capitalista uma engrenagem desvairada e voraz, as quais deixam suas marcas nas adições.

O desvelamento do lugar da mais-valia por Marx e a frustração do trabalhador diante disso, produz um ato revolucionário “que conhecemos muito mal, porque não é certo que a tomada do poder tenha resolvido a subversão do sujeito (LACAN, 1968-1969/2008, p. 17). Assim, pode-se entender a tese de Lacan de que Marx inventou o sintoma, visto, que para ele, o sintoma tem relação com a verdade. Ele

provoca desordem na cadeia de significação fazendo irromper a verdade (ASKOFARÉ, 1997). No caso, a revolução irromperia como sintoma.

Segundo Souza (2003), para Lacan a mais-valia é mais do que a alienação do trabalho do proletário atrelado a um cenário econômico, ela corresponde a um *mais-de-trabalho*, “a condição de que aquilo que se produz paga-se com o gozo” (SOUZA, 2003, p. 136). A essa questão cabe ao sujeito se desnodar. A questão é que o saber agrega valor, valor de gozo, ao produto, os *gadgets* (LACAN, 1968-1969/2008), os quais, por sua vez, atacam o sujeito deixando-o refém. Instaura-se, nesse sentido, a necessidade desenfreada de os consumir. Trabalha-se para consumir, para gozar.

A preocupação está em gozar e gozar a despeito do outro, não há mascaramento nisso, como afirma Soueix (1997, p. 47) “para o capitalista, o proletário não conta senão enquanto é possível ‘extrair’ dele mais-valia”. Com isso, há um enfraquecimento do laço social, razão pela qual é conhecido também enquanto o discurso que não faz laço.

Contudo, há um paradoxo nessa questão. Pois, apesar do desenraizamento das identificações, ele é o discurso que mais multiplicou possibilidades de relações (SOLER, 2016). Irromperam diversas maneiras de relações sociais facilitadas por meio da tecnologia. No entanto, elas não implicam na consistência de um laço, já que esse traz uma densidade histórica e cultural que não é possível na rotação veloz do discurso do capitalista. Desse modo, ele se caracteriza por ser de exceção, como denomina Lacan, uma vez que ele age fazendo uma ruptura no laço social.

Soler (2016), afirma que as consequências desse desenlace emergem por toda a parte, tanto na clínica quanto na mídia, por meio de duas palavras, as quais são solidão e precariedade. Ainda conforme essa autora, há uma generalização do desencantamento, da decepção e da desconfiança. Esse discurso promove a instabilidade à medida que engendra a ideia de microempresa de si (DARDOT; LAVAL, 2016).

Na lógica predominante desse discurso se extrai mais produção e mais gozo desse sofrimento gerado. O trabalho é tido como lugar de aproveitamento do sofrimento. Isso implica no máximo engajamento do proletário com mínima contrapartida da empresa. Assim, Dunker:

Dessa forma não existem zonas protegidas “fora do mercado” e quem é contra isso é contra o neoliberalismo, e quem é contra o neoliberalismo é a

favor do Estado. Tudo é mercado. Educação é investimento. Saúde é segurança. Relações são networking. Imagem é marketing pessoal. Cultura é entretenimento. Pessoa é o empreendedor de si mesmo (DUNKER, 2017, p. 285).

O autor mencionado ainda fala da produção de Zumbis, seres acéfalos, os quais tem seus corpos apropriados. Mas apropriados por quem? Pelo capital. O trabalhador é capitalizado, ou melhor, ele precisa se capitalizar, investir em si, investir conhecimento, desenvolver-se. Caso contrário, ele fica para trás diante da competitividade do mercado. Vale dizer ainda que se o sujeito fracassar, ele está sozinho nessa, pois ele é o único responsável pelo seu sucesso.

Tendo isso em vista, os considerados normais, chamados de normalopatas por Dunker, são os que andam na mão do padrão de produção do capital. Já aqueles que revelam o mal-estar causado por essa lógica por meio de seus sintomas, como a depressão ou adicção, são patologizados, rotulados e, não raramente, deixados a margem (DUNKER, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria dos discursos foi uma proposta de Lacan para tentar situar o fazer psicanalítico na sua época. Desse modo, com o discurso do capitalista, ele não visa exaltar o socialismo, uma vez que diz: “não é nacionalizando os meios de produção, no plano do socialismo num só país, que se dá fim a mais-valia” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 113). Contudo, esse novo funcionamento social não deixa de levantar questões que se impõem a psicanálise.

As queixas na clínica denunciam a fragilidade dos laços que giram em torno dos imperativos de gozo produzidos pela indústria midiática. São diversos os ideais propagados por ela, entre eles o de beleza, o de conhecimento, o de posse, o de realização pessoal. Contudo, na busca desenfreada por atingir esse patamar de sucesso o Outro é denegado, excluído. É nesse sentido que o discurso do capitalista promove uma fratura no laço social e torna-se conhecido por ser um discurso de exceção.

O enfraquecimento das identificações simbólicas em detrimento do gozo convoca a psicanálise a possibilitar novas formas de lidar com o Real. Assim, diante das inúmeras formas com as quais o gozo aparece, concerne ao analista interrogar

o sujeito sobre a verdade do seu desejo, pois este ainda é a única solução para o gozo.

O discurso do analista é aquele que põe o sujeito para trabalhar na produção de novos significantes mestres, promovendo o desprendimento de ideais sociais e do gozo atrelado a elas. Ele promove a reedição da situação fantasmática na qual é inserida o sujeito, possibilitando novas formas de lidar com o real, e conseqüentemente com o Outro, a partir do reconhecimento do desejo.

REFERÊNCIAS

ASKOFARÉ, S. O sintoma social. *In*: Ricardo Goldenberg. *Goza!; capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Ágalma, 1997, p. 164-189.

CECCARELLI, P. R. *Considerações sobre pesquisa em psicanálise*. Disponível em: <<http://www.ceccarelli.psc.br/texts/consideracoes-sobre-pesquisa-em-psicanalise.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

COUTO, L. F. S.; CASSÉTE, J. L. de Q.; HARTMANN, F.; SOUZA, M. F. G. de. Os discursos lacanianos como laços sociais. *Revista Subjetividades*, Fortaleza, Ed. Especial, p. 93-104, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6562>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

CALAME, C. O sujeito da enunciação: breve introdução. Tradução por Ângela Marques. *In*: Klincksieck, Méridiens. *Le récit em Grèce ancienne. Énonciations et représentations de poètes*. Paris: [s.n.], 1986. p. 9-15. Disponível em: <https://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/calame_c_o_sujeito_da_enu_nciacao_.pdf>. Acesso em: 8 nov. 2019.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. *Mental*, Barbacena, v. 4, n. 6, p. 107-121, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 nov. 2019.

DARDOT, P.; LAVAL; C. *A Nova Razão do Mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUNKER, C. *Reinvenção da Intimidade: políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FREUD, S. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna (1908). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. IX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- FREUD, S. Totem e tabu (1912-1913). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Os caminhos da formação dos sintomas (1915). *In: FREUD, S. Conferências introdutórias sobre psicanálise. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 68-79.
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). *In: FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. A negativa (1925). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. O futuro de uma ilusão (1927). *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura (1930)*. 2 ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- FIGUEIREDO, I. P. Saber, verdade e gozo: o muro de linguagem e a função poética. *Ágora*, v. XX, n. 2, p. 443-458, mai/ago, Rio de Janeiro, 2017.
- GIL, *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOLTAI, C. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- LACAN, J. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- LACAN, J. Radiofonia (1970). *In: LACAN, J. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 400-447.
- LACAN, J. O aturdido (1973). *In: LACAN, J. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In: LACAN, J. Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 496-533.
- LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). *In: LACAN, J. Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 596-652.
- LACAN, J. Do Discurso Psicanalítico - Conferência de Lacan em Milão (12 de Maio 1972). Tradução por Sandra Regina Felgueiras. *In: Lacan in Italia (1953-1978)*. Milão: Salamandra, 1978. Disponível em: <<http://lacanempdf.blogspot.com/2017/07/do-discurso-psicanalitico-conferencia.html>>. Acesso em: 16 nov. 2019.
- LEANDRO, M.; COUTO, D. P. de.; LANNA, M. dos A. L. Da realidade psíquica ao laço social: a função de mediação do conceito de fantasia. *Cad. Psicanál.-CPRJ*, Rio

de Janeiro, v. 35, n. 28, p. 27-48, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-62952013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2019.

LEBRUN, J-P. *Um Mundo Sem Limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Tradução de Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

MOREIRA, L. E. de V. *Corpo, discurso e laço social: uma leitura dos Seminários XVI, XVII E XVIII de Jaques Lacan*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Social.) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-10042014-144600/publico/moreira_me.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

POLI, M. C. Perversão da cultura, neurose do laço social. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 39-54, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982004000100003>. Acesso em: 30 out.2019.

RABINOVICH, D. O Psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo. *Cadernos de Psicologia*, n. 11, v. 1, p. 9-28, 2001.

SOUZA, A. Os discursos na psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

SOUZEIX, A. Discurso do capitalista. *In: Ricardo Goldenberg. Goza!; capitalismo, globalização e psicanálise*. Salvador: Ágalma, 1997, p. 40-50.

SOLER, C. *O que faz laço?* Tradução por Elisabeth Sporiti. São Paulo: Escuta, 2016.

THIOLLENT, M. Maio de 1968 em Paris: Testemunho de um estudante. *Tempo Social Revista de Sociol. da USP*, São Paulo, n. 10, v. 2, p. 63-100, 1998. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf> >. Acesso em: 06 nov.2019.